

A REPORTAGEM EM REVISTA COMO ESPAÇO DE ACIONAMENTO DA EMPATIA

Magazine report as a space for trigger empathy

El reportage de revista como espacio para ativar la empatía

Rafael Rangel Winch

Doutor em Jornalismo – Universidade Federal de Santa Catarina
rangelrafael16@hotmail.com

Magali Moser

Doutora em Jornalismo – Universidade Federal de Santa Catarina
magali.moser@gmail.com

Resumo

O artigo tem o objetivo de compreender como a empatia pode ser criticamente acionada no jornalismo por meio de uma reportagem em revista. Parte-se do reconhecimento de que os processos empáticos são fundamentais para a humanização e aprofundamento da narrativa jornalística. Teoricamente são discutidos, sobretudo, os conceitos de jornalismo de revista, reportagem e empatia. Para ilustrar a reflexão proposta, realizamos um gesto interpretativo acerca de uma reportagem sobre a saúde mental em favelas, assinada pelo jornalista Armando Antenore e publicada na revista *piauí*, edição 168, de setembro de 2020. Entre outras conclusões, considera-se que a narrativa analisada evidencia possibilidades de o fazer jornalístico em revista ser empático ao criar pontes que aproximam mundos distantes numa conjuntura marcada por abismos sociais e desigualdades históricas de diferentes vieses como a brasileira.

Palavras-chave: Jornalismo de revista. Reportagem. Empatia.

Abstract

The paper aims to understand how empathy can be critically triggered in journalism through a magazine report. We start from the recognition that empathic processes are fundamental for the humanization and deepening of the journalistic narrative. Theoretically, the concepts of magazine journalism, report and empathy are discussed. To illustrate the proposed reflection, we made an interpretive gesture about a report on mental health in favelas, signed by journalist Armando Antenore and published in the magazine *piauí*, issue 168, of September 2020. In addition to other conclusions, we consider that the narrative analyzed shows the possibilities of journalism in a magazine to be empathic in creating bridges that bring distant worlds together in a context marked by social gaps and historical inequalities of different biases, such as the Brazilian one.

Key words: Magazine journalism. Report. Empathy.

Resumen

El artículo tiene como objetivo comprender cómo se puede desencadenar la empatía de manera crítica en el periodismo, a través de un reportaje en una revista. Se parte del reconocimiento de que los procesos empáticos son fundamentales para la humanización y profundización de la narrativa periodística. En teoría, se discuten los conceptos de periodismo de revista, reportaje y empatía. Para ilustrar la reflexión propuesta, realizamos un gesto interpretativo sobre un reportaje acerca de la salud mental en las "favelas", escrito por el periodista Armando Antenore y publicado en la revista *piauí*, número 168, de septiembre de 2020. Entre otras conclusiones, se considera que la narrativa analizada plantea posibilidades de que la labor periodística en una revista sea empática, creando puentes que aproximen mundos distantes en una coyuntura marcada por brechas sociales y desigualdades históricas de diversos sesgos como la brasileña.

Palabras clave: Periodismo de revista. Reportaje. Empatía.

1 INTRODUÇÃO

O espaço da reportagem detém o potencial de extrapolar as limitações da cobertura jornalística imediatista, rompendo imaginários pré-definidos, pluralizando os sentidos e ampliando os pontos de vista sobre acontecimentos, problemáticas e temas diversos. Especialmente as reportagens em revista se destacam historicamente como lugar privilegiado para o aprofundamento de narrativas e humanização¹ de personagens a partir dos processos empáticos construídos pelo encontro com o Outro, proporcionados pelo jornalismo. Exemplos deste potencial se revelam a partir da história de Preta, produtora cultural que trabalha em projetos de assistência psicológica para moradores de favelas no Rio de Janeiro, personagem central da reportagem *Muita Coisa*, publicada na edição 168, de setembro de 2020, da Revista *piauí*, assinada pelo repórter e editor da publicação Armando Antenore. A reportagem traz como questão central a saúde mental nas favelas no contexto da pandemia de Covid-19.

Apesar de a saúde mental não possuir uma definição única e consensual (OMS, 2002), compreendemos que, de modo geral, o termo sinaliza o nível de qualidade de vida cognitiva ou emocional dos indivíduos, incluindo também a capacidade que os sujeitos desenvolvem a fim de apreciar a vida e buscar um equilíbrio entre as atividades e os esforços para atingir a resiliência psicológica (LANCETTI, AMARANTE, 2006). Além disso, entendemos que

¹ Aqui entendemos por humanização, conforme Ijuim, ver o ser humano como ponto de partida e de chegada na narrativa jornalística. Para tanto, o jornalista assume uma postura de solidariedade para sentir as dores universais; seu trabalho respeita as diferenças de qualquer natureza e se isenta de julgamentos, de preconceitos e estereótipos. Sua narrativa adquire caráter emancipatório, pois, de forma humanizada, seu ato é humanizador (IJUIM, 2017, p. 242).

transtornos mentais também podem ser discutidos com base no reconhecimento de marcadores sociais da diferença como raça (SMOLEN, ARAÚJO, 2017), classe e gênero (LUDEMIR, 2008). Sendo uma área da vida humana afetada pelas mais variadas dimensões - biológica, econômica, política, cultural e social -, a saúde mental ganha novos contornos diante da COVID-19, sobretudo entre grupos historicamente oprimidos e marginalizados. Como observa Santos (2020), a pandemia funciona como um catalisador da nossa sociedade na medida em que retrata as suas estruturas institucionais nas desigualdades raciais por ela produzida e agravada.

Neste artigo, objetivamos compreender como a empatia pode ser criticamente acionada no jornalismo por meio de uma reportagem em revista. Para tanto, discutimos noções como jornalismo de revista (TAVARES, 2011; SCHWAAB, 2013), com foco na reportagem (FURTADO, 2013), e a partir de breve contextualização desta vertente (SOUZA, 2010; PINTO, 2014) além de abordarmos criticamente o conceito de empatia e seu lugar na narrativa jornalística (AGOSTA, 2014; SERELLE, 2020). Posteriormente, analisamos uma reportagem da revista *piauí*, cuja abordagem discute a saúde mental em favelas brasileiras. A escolha por esta produção jornalística não se dá apenas por discutir um tema complexo e pouco tratado sobre este viés específico, mas também por permitir uma análise sobre empatia à medida que centraliza o debate em torno de personagens e explora esta dimensão na narrativa. Por fim, tecemos considerações que relacionam nosso gesto interpretativo com a discussão teórica empreendida no estudo.

2 O ESPAÇO DA REPORTAGEM NO JORNALISMO DE REVISTA

A reportagem se consolida especialmente por cobrir vazios informativos deixados pela cobertura factual condicionada pela obsessão da atualidade, permitindo a ampliação da compreensão da realidade. Emerge, sobretudo, com a revista semanal de informação, pelas características próprias do veículo, sobretudo pela possibilidade de promover o aprofundamento da informação. Medina é uma das primeiras autoras no Brasil a pensar a reportagem enquanto narrativa com o livro *A arte de tecer o presente*, publicado em 1973 em co-autoria com o Paulo Roberto Leandro. Em uma de suas primeiras obras sobre o tema, a autora defende que a distinção entre a notícia e a reportagem é o “tratamento do fato jornalístico, no tempo de ação e no processo de narrar” (MEDINA, 1988, p. 115). Na sua

avaliação, reportagem “leva a um quadro interpretativo do fato” (MEDINA, 1988, p. 155). E toda a sua obra posterior, a pesquisadora considera a narrativa autoral como diferencial no jornalismo (MEDINA 2006; 2016).

No jornalismo de revista², a reportagem assume particularidades. Historicamente, a reportagem de revista se configura como espaço do aprofundamento: “Mais que contar o que acontece no mundo – função primeira da imprensa diária – a revista comenta, opina e interpreta sobre assuntos variados, buscando uma visão mais aprofundada dos temas e fatos que envolvem o ser humano (sejam eles naturais ou sociais)” (TAVARES, 2011, p. 49).

Ao ofertarem diferentes modos de conhecer a realidade, as revistas não somente informam, mas sobretudo interpretam as mais variadas questões, sustentando “ (...) um discurso imbricado na contemporaneidade, não apenas como lugar do atual, mas, especialmente de compartilhamento sobre o que importa saber agora e como deve agir o sujeito do seu tempo” (SCHWAAB, 2013). Vale frisar que a temporalidade nas revistas é um aspecto crucial na configuração das narrativas apresentadas neste tipo de veículo. A partir de suas lógicas, valores e processos, as publicações organizam, a cada edição, um tempo mais dilatado do que os jornais, desmontando e remontando os noticiários, as atualidades e as vivências (VOGEL, 2013). Além disso, por serem produtos marcados por um forte elo afetivo com seus públicos, as revistas engendram discursos sobre o mundo de maneira lenta, reiterada, fragmentada e emocional (BENETTI, 2013).

De acordo com Furtado (2013), a reportagem é a forma discursiva jornalística mais adequada para se oferecer algo além da instantaneidade. A autora defende que o aprofundamento da reportagem seja reconhecido como caminho para a credibilidade no jornalismo de revista. Todavia, para uma produção deste tipo ser considerada aprofundada é necessária uma série de premissas e ações que incluem a sensibilidade e o cuidado ético no tratamento de acontecimentos e temáticas, bem como a abertura para a polifonia das vozes. “A reportagem, na qualidade de forma discursiva, tende a afastar o fato do relato, potencializando o status do jornalista como alguém que interpreta o mundo e o constrói

² Etimologicamente, o termo revista tem relação com o inglês *review*, originado do latim *revidere*, apontando sentidos vinculados aos atos de revisitar, examinar, interpretar e verificar. Como veículo midiático, os termos *magazine*, *magasin*, *magazzino* são comuns respectivamente em inglês, francês e italiano, tendo todos estes origem na palavra árabe *makhazin*, que significa armazém, depósito (TAVARES, 2011).

simultaneamente” (FURTADO, 2013, p. 150). As narrativas engendradas pelas revistas são, assim, capazes de suprir lacunas e extrapolar limitações comuns no jornalismo diário, desde que estejam sintonizadas com as demandas mais relevantes dos seus leitores, especialmente àquelas que atendem ao interesse público.

A autora chama a atenção para o processo envolvido na reportagem de revista, incluindo várias etapas, que requerem um planejamento e uma pauta mais detalhada, além de uma apuração diferenciada da adotada em uma notícia. O delineamento de uma pauta que busca o aprofundamento, “no entanto, não pode ser tão detalhada a ponto de não deixar espaço para as percepções do repórter sobre o fato durante a apuração, pois, no momento da coleta, o repórter também deverá manter esse olhar atento curioso sobre o mundo. Pautas ‘caem’ ou mudam de direção” (FURTADO, 2013, p. 153). A pesquisadora também destaca para a necessidade de a pauta não servir como “armadura” para o repórter, que precisa ter autonomia e flexibilidade para tomar decisões e inclusive reformular a ideia inicial de abordagem, caso for preciso. Este movimento busca garantir diversidade de vozes, humanização da narrativa e oferecer ao leitor pontos de vista contrastantes, reforçando a função social do jornalismo.

Numa perspectiva histórica, a reportagem ganha espaço com a criação da revista como novo veículo de comunicação periódica. Costuma-se atribuir à *Time*, fundada nos Estados Unidos, na década de 1920, a abertura deste caminho, com implicações em várias partes do mundo. Sob este impacto, é lançada no Brasil a revista *O Cruzeiro* (1928-1970), tendo seu auge nos anos 1950. A pesquisadora Candice Vidal e Souza, autora de amplo estudo sobre a reportagem no jornalismo brasileiro, defende que as décadas de 1940 e 1950 marcam uma afirmação da reportagem como “gênero narrativo responsável pela definição de uma identidade estilística e social para os jornalistas” (SOUZA, 2010, p. 16). A autora argumenta que a reportagem contribui para uma ‘narrativa da nacionalidade’, entendendo que os jornalistas neste período incumbiram a missão de ‘descobrir o Brasil’ e conquistando historicamente esse modo de descrição e explicação.

Na mesma época, despontam livros-reportagem de autores como Joel Silveira, configurando um momento de efervescência cultural. A reportagem de revista teve um marco no final da década de 1960, com o lançamento da revista *Realidade* (1966-1976). Sob o comando do editor-chefe Paulo Patarra, que ficou no cargo até 1968, os exemplares da

primeira edição esgotaram-se em três dias. Para Kucinski (2003, p. 36), “Realidade fazia sucesso com um jornalismo baseado na reportagem social, na discussão crítica da moral e dos costumes, mostrando um Brasil real, em profundas transformações”. Foi também um jornalismo com ambições estéticas, “contra a camisa de força da narrativa telegráfica, que introduziu a reportagem jornalística de valor literário, baseada na vivência direta do repórter com a realidade que se propunha a retratar” (KUCINSKI, 2003, p. 36). A publicação mensal da Editora Abril encerrou as atividades em 1976 e não pode deixar de ser compreendida como resultado de um momento histórico peculiar.

No contexto contemporâneo, a revista *piauí* costuma ser celebrada por apresentar uma proposta editorial diferenciada que se manifesta nos prêmios recebidos ao longo de sua existência, criando uma sensação de continuidade das revistas anteriores *O Cruzeiro* e *Realidade*. Idealizada pelo cineasta João Moreira Salles e lançada em outubro de 2006 na Feira Internacional Literária de Parati, a FLIP, tem como inspiração a publicação norte-americana *The New Yorker*. Desde sua concepção, a publicação apresenta características distintas, se comparada a outras revistas semanais, elementos como a valorização do texto e uma apuração que pode durar meses. Ao analisar a revista em sua dissertação, Pinto (2014) conclui que os elementos que fazem de *piauí* um caso “excepcional” na imprensa brasileira se relacionam principalmente ao capital econômico viabilizado e a um *publisher* cujo *habitus* favoreceu a concepção da revista com características que se aproximam muito mais do campo da erudição do que do campo da indústria cultural.

Além disso, vale sublinhar que o perfil da revista se manifesta no próprio nome que carrega. “Piauí não é uma palavra cheia de vogais qualquer. Sem querer me estender nesse ponto, fiquemos apenas com o óbvio: o Piauí é um dos estados mais pobres da federação, dentro de uma região já identificada, ela própria com a pobreza”, escreveu o repórter e colunista da revista Fernando de Barros e Silva (2016, p. 8), no Prefácio de *Tempos instáveis*, livro que reúne 21 reportagens de *piauí*. No mesmo texto, o autor relembra a atmosfera do surgimento de *piauí*, enfatizando que o projeto era improvável frente ao cenário de estrangulamento das publicações impressas e o foco voltado para as possibilidades digitais. Ele inclusive atribui à revista *The New Yorker* a propagação de “reportagens sem pressa”, em especial do formato perfil, que no Brasil, segundo seu olhar, foram pouco cultivadas com “rigor e método”, sendo a *Realidade* uma exceção. O jornalista acredita que o êxito de uma

reportagem da Piauí depende basicamente da descrição, observação e do tensionamento entre o particular o geral (SILVA, 2016).

O esforço empreendido pela revista se reflete não apenas na permanência e consolidação da revista nesses 15 anos de existência, contrariando previsões pessimistas, como em números de circulação (mais de 53 mil exemplares/mês) e com o reconhecimento de alguns dos prêmios mais importantes da categoria. A revista *piauí* ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo 2014 de Melhor Contribuição à Imprensa pelo “resgate por parte da revista da grande reportagem, o trabalho do texto e o aprofundamento de temas atuais, com informação e espírito crítico. Um convite à reflexão que é referência para novas gerações de jornalistas”. No olhar de quem estudou a revista, “apesar de ser editada e distribuída por empresas tradicionais no campo jornalístico, parece se inserir numa tradição de periódicos que andam na contramão das propostas da chamada grande imprensa, aproximando-se do formato das publicações alternativas” (GUEDES, 2014, p. 102).

O chamado jornalismo revistativo (TAVARES, 2011) contempla o potencial de não apenas aprofundar o relato das causas, consequências e conflitos em torno dos fatos, como também de promover uma escuta solidária e empática com o Outro. Evidentemente, os movimentos afetivos dependem de fatores que extrapolam a mera “vontade jornalística” de humanizar os corpos e as falas apresentadas nas páginas das publicações. Os gêneros dos materiais noticiosos, os temas das pautas, a periodicidade e o perfil editorial dos periódicos são aspectos definidores das chances e do alcance dos processos empáticos que podem ser construídos a partir delas. Além disso, não podemos desconsiderar ainda a existência de códigos padrões de narração históricos que trazem modos de sistematização dos acontecimentos e situações trabalhadas no jornalismo de revista (CASADEI, 2013). Tais elementos repercutem nas formas como as publicações gerenciam a força da empatia das personagens e a sua ética de representação jornalística (SERELLE, 2020). A seguir, discutimos a noção de empatia e tensionamos o lugar deste conceito na construção das narrativas jornalísticas, especialmente nas reportagens em revista.

3 O LUGAR DA EMPATIA NO JORNALISMO

A empatia é um elemento relevante para tensionarmos a construção das narrativas jornalísticas, sobretudo quando reconhecemos a dimensão emocional de uma reportagem. Contudo, tal questão nem sempre é devidamente compreendida e trabalhada a partir de seu potencial crítico e político. Devido aos valores imperantes no campo jornalístico, é comum que jornalistas recorram ao chamado ritual estratégico de emocionalidade, processo pelo qual terceirizam suas emoções visando manter a subjetividade fora da narrativa que tecem (WAHL-JORGENSEN, 2013). Assim, mesmo que jornalistas reconheçam a existência e a função das emoções, muitos profissionais se relacionam com elas de maneira cautelosa, sem perderem de vista a constante defesa de valores profissionais ideologicamente dominantes, como objetividade e imparcialidade. Embora não se caracterize como uma emoção em si, a empatia está diretamente relacionada ao universo das emoções.

Partindo de uma perspectiva filosófica, Agosta (2014) entende a empatia como um processo multidimensional que é acionado a partir de quatro principais componentes, a saber: 1) *receptividade empática*, uma abertura à comunicabilidade de afeto de outras pessoas, seja no encontro face a face ou como artefatos da imaginação humana; 2) *entendimento empático*, uma compreensão do Outro enquanto sujeito reconhecido na relação como uma possibilidade de florescimento humano – de escolha autônoma, compromissos e implementação; 3) *interpretação empática*, uma leitura que identifica padrões de adaptação e modelos de sobrevivência e desenvolvimento a partir de perspectivas de outros sujeitos; e 4) *escuta empática*, uma articulação da capacidade de resposta ideal na linguagem da receptividade, compreensão e interpretação indicadas, que permite ao outro apreciar que ele ou ela foi o beneficiário de uma escuta graciosa e generosa. Nesta perspectiva, a empatia é permeada pela ficcionalidade, uma vez que o Outro será sempre uma ficção – porém, uma ficção necessária para o indivíduo encontrar a própria verdade. Assim, ser empático é adotar um modo de responsividade que inclui tanto o ouvir quanto o responder no comportamento e no discurso.

A discussão empreendida por Agosta (2014) é tensionada por Matheus e Dornelas (2020), ao compreenderem que a abordagem filosófica do autor permite pensarmos a empatia para além do raso sentido da consensualidade. Logo, é necessário, segundo as pesquisadoras, que exista o elemento da diferença na experiência empática, da mesma maneira que a comunicação se realiza na variedade. “Por isso mesmo, a empatia não pode ser entendida

apenas pela rubrica da concordância. Se pensarmos no termo somente sob uma ótica romântica e consensual, cairemos no risco de aplicar a noção apenas às interações harmoniosas e não conflituosas” (MATHEUS, DORNELAS, 2020, p. 172).

Os componentes da empatia sinalizados por Agosta (2014) também são discutidos por Chagas (2017) nos contornos das práticas jornalísticas, mais precisamente no que se refere aos modos como repórteres abordam e narram as suas fontes. O autor defende que o reconhecimento e valorização dos processos empáticos permitem aproximar sociedade e jornalismo. Para ele, “desconolônizar o objeto notícia de uma perspectiva limitadora é reconhecer novas implicações em todos os seus âmbitos, olhar para o totalmente outro e buscar no estranhamento um caminho para evidenciar o diverso como parte da condição humana” (CHAGAS, 2017, p. 10). Importante aqui considerar a empatia como processo que não se limita ao formato notícia. Ao contrário, os processos empáticos podem constituir os mais variados produtos e narrativas jornalísticas, em especial, àquelas que almejam profundidade no relato, como o espaço da reportagem.

Investigando o jornalismo pelo prisma das narrativas, Marcio Serelle concebe a empatia como a faculdade de nos projetarmos em sentimentos experimentados pelo outro. Ao versar sobre a função empática da personagem, o pesquisador sinaliza a importância de o chamado “jornalismo narrativo” fornecer perspectiva biográfica, complexidade psicológica e contexto social, aspectos que, muitas vezes, figuram apenas como número ou estatística ou ainda reduzidos a uma única face de personalidade que serve ao acontecimento noticiado na cobertura cotidiana. Para o autor, a personagem é o elemento que permite ao “jornalismo narrativo” a empatia que vincula o leitor às experiências relatadas. No entanto, nem sempre o potencial de subversão da personagem é devidamente compreendido pelo jornalismo. “A função empática da personagem no jornalismo, ainda que possa persistir em algum grau, é usualmente esvaziada ou pelo menos tomada de forma utilitária no dia a dia das redações” (SERELLE, 2020, p. 53-54).

Por isso, o simples reconhecimento da existência da empatia na narrativa jornalística não resolve dilemas éticos e problemas relacionados à representação dos mais diferentes sujeitos e experiências, uma vez que também se faz necessário uma vigilância crítica acerca dos modos pelos quais os processos empáticos são construídos no jornalismo. De qualquer maneira, assumir a importância da empatia nos atos de selecionar, apurar, narrar, editar e

disseminar acontecimentos e problemáticas sociais é, ao mesmo tempo, um salto conceitual e uma postura profissional que vai ao encontro da compreensão da dimensão emocional da atividade jornalística. Vale sublinhar que a herança deixada pelo paradigma positivista (MEDINA, 2008), por um longo tempo, contribuiu para que os vínculos entre jornalismo e emoção não fossem devidamente apreendidos em toda a sua complexidade. Peters (2011) nos lembra que a persistente e histórica oposição binária entre objetividade e emocionalidade complicou o entendimento de que o jornalismo, em alguma medida, sempre foi emocional dado ao seu propósito de criar uma experiência de envolvimento.

Atentar para as emoções e processos empáticos no jornalismo não significa uma celebração acrítica das práticas, gêneros, discursos e expressões emocionais, mas sim a possibilidade de uma leitura mais precisa e complexa sobre como o jornalismo e as suas finalidades são exercidas (WAHL-JORGENSEN, 2013). Além disso, como nos lembram Moraes e Veiga da Silva (2019), o entendimento de que a “contaminação” da emoção é um ganho e não algo a ser negado na construção das reportagens é um outro aspecto importante na sustentação de um jornalismo de subjetividade descolonizadora. As autoras destacam a dimensão subjetiva do fazer jornalístico como potencial e evidenciam o quanto a noção de objetividade prevalente é marcada pelas ideologias dominantes – muito especialmente o racismo e o machismo. Tal lógica, segundo elas, historicamente apaga o sujeito e a subjetividade dos métodos e técnicas de apreensão do real, contribuindo para a reprodução irrefletida dos valores hegemônicos nas produções simbólicas do jornalismo.

Como já frisamos na seção anterior, o jornalismo de revista detém o potencial de engendrar relevantes processos empáticos por conta de suas especificidades que falam não apenas de sua qualidade de aprofundamento (FURTADO, 2013) bastante atrelada à periodicidade alargada das publicações, mas também acerca de códigos padrões de narração (CASADEI, 2013), questões que abrem caminho para representações de personagens de maneira empática. Mas, para além das possibilidades de acionamento da empatia pelas reportagens em revista, faz-se também necessário refletir, como já indagou Serelle (2020), até que ponto a imersão na singularidade da vida de personagens e a experimentação de suas vicissitudes alcançariam uma consciência crítica capaz de resultar em intervenções solidárias no cotidiano. Compartilhamos esta questão do autor, reconhecendo que a mera descrição das particularidades do jornalismo de revista – sobretudo a questão do tempo e do espaço mais dilatados – não são suficientes para afirmar que este tipo de suporte jornalístico garantia

sempre narrativas eticamente responsáveis. A fim de compreender como a empatia pode ser efetivamente acionada de maneira crítica pelo jornalismo de revista, na seção a seguir, apresentamos a análise de uma reportagem produzida pela revista *piauí*.

4 GESTO INTERPRETATIVO

Com base nas reflexões tecidas nas seções anteriores, buscamos realizar um gesto interpretativo que nos auxilie a compreender como a empatia pode ser criticamente acionada no jornalismo por meio de uma reportagem em revista. Seleccionamos uma produção da *piauí*, publicação mensal da Editora Alvinegra com distribuição pela Abril, por compreendermos que tal revista se destaca no jornalismo brasileiro como um dos principais espaços focados na construção de reportagens longas e aprofundadas, muitas vezes, a partir de abordagens criativas, ousadas e questionadoras. A reportagem escolhida para ancorar nossa discussão versa sobre saúde mental em favelas no contexto da pandemia de Covid-19 e foi publicada na edição 168, em setembro de 2020. O texto é assinado por um repórter cujo trabalho se destaca entre os pares. Armando Antenore foi finalista do Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo em 2018 e 2019 na categoria Texto, com as reportagens “Meu Guri” e “A vizinha”, respectivamente - ambas publicadas em *piauí*.

A reportagem serve como objeto empírico da análise não apenas por centralizar a estrutura narrativa em personagens moradores dessas comunidades, em geral retratadas de modo estigmatizado pela imprensa, mas principalmente por buscar uma abordagem destoante sobre a realidade envolvendo as periferias. Em termos operacionais, nosso gesto interpretativo se ancora, sobretudo, na perspectiva do filósofo Lou Agosta (2014) brevemente sintetizada neste artigo a partir da seção sobre *o lugar da empatia no jornalismo*. Como vimos, para este autor, a empatia pode ser compreendida como um fenômeno multidimensional centrado em quatro componentes principais: a capacidade do indivíduo escutar (*receptividade empática*), compreender (*entendimento empático*), interpretar (*interpretação empática*) e produzir uma resposta empática (fruto de *escuta empática*) sobre um acontecimento, tema ou ainda uma experiência particular de um indivíduo.

Nosso percurso analítico também é auxiliado pela leitura de Chagas (2017) acerca da abordagem defendida por Lou Agosta (2014). Assim, entendemos que, em linhas gerais, no

jornalismo: 1) a *receptividade empática* denota o sujeito repórter estar aberto ao que as fontes expressam, visibilizando e humanizando os múltiplos pontos de vista em torno de uma história; 2) o *entendimento empático* inclui uma sabedoria prática evidenciada na competência do repórter em tratar de modo sensível e humano as fontes, além da compreensão da informação jornalística como instrumento para um conhecimento libertador; 3) a *interpretação empática* abarca as conceitualizações, contextualizações e enquadramentos operados pelo jornalismo como formas para se aproximar do Outro; e 4) a *escuta empática*, por fim, representa uma esfera que interliga os três componentes anteriores e ainda se encaminha para o consumo/leitura das narrativas jornalísticas, sendo, portanto, também da ordem de como o público se relaciona empaticamente com o que o jornalismo produz e apresenta. Vale ressaltar que as quatro esferas da empatia elencadas por Lou Agosta (2014) não se manifestam de modo estanque, sendo, assim, elementos que se relacionam e se complementam. Por isso, apesar de o gesto interpretativo apresentado a seguir ser organizado por meio das esferas discutidas pelo autor, compreendemos que um mesmo trecho da reportagem pode acionar mais de um componente do processo empático.

4.1 A receptividade empática

O texto carrega marcas que deixam escapar o cuidado receptivo no tratamento com a entrevistada durante o processo de apuração jornalística. Uma dessas marcas aparece logo no início, quando o autor, ao contar que Preta se reconhece mais assim do que como Diene, atribui a fala à personagem central do texto “numa das dezenas de ocasiões que falou com a *piuaí* por celular ou WhatsApp”. A humanização não se dá apenas na narrativa, mas também na forma de apresentação da reportagem. A ampla imagem que abre a matéria prenuncia a discussão proposta nas páginas seguintes. Na foto colorida em destaque creditada a André Valentim, o foco se volta para Preta, a fotógrafa e produtora cultural, com a boneca que recebe o apelido que a própria dona carrega desde a infância. A sutileza só é quebrada com a legenda sobre a protagonista: “em três das quatro tentativas de suicídio, ela tomou doses cavalares de sonífero. Na última, ingeriu chumbinho, um raticida bastante popular”.

A passagem mencionada acima não apenas a conduta adotada pelo repórter na elaboração do trabalho, mas também permite compreender melhor o caminho percorrido para o resultado final apresentado na reportagem de fôlego. Em seguida, a própria Preta afirma ao repórter que “Tu, inclusive, pode me chamar de Preta. Vou gostar”, sinalizando uma

aproximação e conquista de confiança da fonte pelo jornalista, algo ainda mais desafiador de se alcançar no contexto trazido pela pandemia de Covid-19 com a obrigatoriedade da mediação tecnológica nessas abordagens. Descrições detalhadas estruturam o texto como as cenas que ambientam Preta aconchegando a boneca no leito sempre que se prepara para dormir. Como a reportagem foi produzida durante a pandemia do novo coronavírus, inclusive tratando de seus impactos nas comunidades periféricas, o contato físico entre repórter e entrevistada foi possivelmente afetado. No entanto, tal contexto parece não ter resultado em prejuízo para a narrativa.

A narrativa jornalística percorre a trajetória da protagonista, acompanha suas escolhas, dilemas e conflitos existenciais. Aborda inclusive um tema evitado pela imprensa: Preta, depois de peregrinar por “consultórios psiquiátricos e psicológicos, recebeu o diagnóstico de síndrome do pânico e depressão, tomou remédios, emagreceu 15 kg, largou a faculdade, abdicou da loja virtual e do emprego, rompeu o casamento e **tentou o suicídio quatro vezes**” (piauí, 2020, edição 168, p. 23, grifos nossos). Sabendo das resistências históricas em tratar o assunto no jornalismo, haja vista a alegação de que a divulgação pode estimular novos casos, a abordagem merece alerta: trata-se de um eixo central do texto, com amplo destaque na diagramação. Ao trazer esse elemento, a reportagem não se furta do debate público sobre o tema complexo. No entanto, falha ao expor em detalhes os métodos utilizados pela personagem para tirar a própria vida, desviando o foco da prevenção e contrariando orientações de como tratar o tema na imprensa³.

4.2 O entendimento empático

A reportagem é composta por vários trechos em que o repórter não somente descreve situações dolorosas da protagonista da história, como também esboça modos de compreender e enfrentar as dificuldades narradas. Em um dos momentos da produção, momentos em que Preta sofreu racismo ao longo da vida são realçados, muitas vezes, a partir de falas da própria personagem: “Lá vai a menina do cabelo duro, a menina do cabelo seco, a menina com palha de aço no lugar do cabelo” (piauí, 2020, edição 168, p. 23). Já em outro momento da reportagem, a própria protagonista sublinha o reconhecimento empático que pessoas negras podem construir entre si com base em suas vivências. “Uma terapeuta negra fez todo o

³ Conforme recomenda o próprio Manual Prevenção para Suicídio, produzido pela Organização Mundial de Saúde e dirigido para profissionais da mídia. Disponível em: https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf Acesso em 21 abr, 2021.

sentido pra mim. Muita coisa! Ela demonstrou absoluta empatia pelo meu sofrimento. Afinal, sabia por experiência própria qual o peso da negritude num país como o Brasil” (piauí, 2020, edição 168, p.24). Passagens como esta evidenciam não somente o entendimento empático do repórter ao realçar os momentos de dor e enfrentamento da personagem, mas ainda uma fala crítica que denuncia a problemática do racismo em solo brasileiro. Desse modo, a narrativa reconhece empaticamente como o contexto social e histórico marcado por desigualdades diversas são fatores que também afetam a saúde mental de populações periféricas, sobretudo dos sujeitos negros.

Ao longo do relato detalhado sobre o cotidiano de Preta são intercalados depoimentos de pacientes auxiliados pelo *Cada Trauma Importa*, rede digital de assistência psicológica gerenciada pela fotógrafa e produtora cultural. A reportagem congrega trechos que expressam como diferentes moradores de favelas lidam com a saúde mental em tempos de pandemia. As tramas paralelas à história principal narrada pela reportagem são sintetizadas por meio dos subtítulos *A filha de Oxum*, *A mãe do Michael* e *O rapper*. O entendimento empático também se manifesta nos depoimentos destes pacientes do projeto de acolhimento criado por Preta. A partir da exposição de relatos em primeira pessoa, a reportagem visibiliza e humaniza - sem julgamentos e estigmatização das personagens - como diferentes moradores de favelas lidam com problemas como ansiedade e depressão em um contexto pandêmico. “Acendi o sinal de alerta e procurei socorro. Foi quando uma amiga me enviou pelo WhatsApp o contato do Cada Trauma Importa. Que alívio! As duas sessões semanais de terapia me fazem muito bem” (piauí, 2020, edição 168, p. 24).

4.3 A interpretação empática

A narrativa constrói empatia também a partir do modo como o repórter interpreta as situações experienciadas por Preta. Conceitualizações, contextualizações e enquadramentos jornalísticos colaboram para reiterar a relevância da pauta. Nesta esfera do processo empático, dentre outras ações, o repórter contextualiza o surgimento da iniciativa *Cada Trauma Importa*, lembrando que o nome do projeto tem relação direta com o movimento norte-americano *Black lives matters* (*Vidas negras importam*), assim como elucida a conceituação de termos como *Maktub*, palavra em árabe que significa "já estava escrito" ou "tinha que acontecer" e que está no nome de outro projeto organizado pela protagonista da narrativa.

Embora o enquadramento jornalístico da reportagem privilegie especialmente os relatos de Preta, intercalando com depoimentos de outros moradores de favelas, há também informações contextuais que permitem universalizar as situações narradas para além de um âmbito puramente individual. Assim, a construção da empatia em relação aos sujeitos que sofrem com transtornos psicológicos ganha amparo ainda em relatórios, pesquisas e dados de instituições diversas, como a Organização das Nações Unidas (ONU), o Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos (Sindusfarma), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Columbia. Além das fontes documentais e dos depoimentos de pacientes, especialistas em saúde mental voluntários do projeto *Cada Trauma Importa* também se somam à narrativa com dizeres que reforçam a empatia pelo Outro, sobretudo, por Preta. “Abdicou da vingança. Em vez de cultivar o rancor, escolheu celebrar e disseminar as oportunidades de libertação” (*piauí*, 2020, edição 168, p. 25). Observamos, assim, que o entendimento empático não se constitui apenas no comportamento do repórter, mas ainda nos modos como as fontes da reportagem lançam percepções sobre outros personagens, especialmente a protagonista da narrativa.

4.4 A escuta empática

Há uma sensibilidade e um esforço do autor em exercitar uma escuta empática das personagens ouvidas. Talvez o principal exemplo disso esteja na própria expressão que dá título à reportagem: “Muita coisa” é um termo utilizado por Preta na sua forma de se expressar, “que emprega quando deseja manifestar apreço por algo” (*piauí*, 2020, edição 168, p. 22). A busca por essa empatia na escuta se revela também nos próprios depoimentos de Preta, que indicam a confiança encontrada para abrir subjetividades a um jornalista desconhecido, como quando a protagonista conta o desejo pela morte que lhe tomou conta. Vale lembrar que a esfera da escuta empática reúne os três componentes anteriores do processo empático, além de ser, no contexto do jornalismo, um movimento relativo aos modos como o público-leitor se relaciona empaticamente com a narrativa que consome.

Essa escuta empática envolvendo o repórter se manifesta ainda na tentativa de abordar o tema e seus personagens com a complexidade que o assunto exige, recusando rótulos ou visões pré-concebidas e buscando uma amplitude no olhar. O autor menciona por exemplo que Preta nem sempre enfrentou problemas de saúde mental, chegando a ser apelidada pelos amigos como Sorriso, em função da risada solta que a caracterizava. Esse é um dos elementos

que expõe as contradições envolvidas na delicada temática e que não escapam da narrativa jornalística. Há um grau de cumplicidade na relação estabelecida entre repórter e protagonista capaz de dar a sensação de uma abordagem que lembra sessões de psicanálise. Se a arte da escuta é uma premissa para alcançar o jornalismo de qualidade, Antenore dá sinais de levar ao extremo essa máxima, permitindo que o leitor conheça não somente os dramas mais íntimos vividos pela personagem, mas participe também do seu processo catártico de cura.

4 CONCLUSÕES

Na reportagem *Muita Coisa*, a personagem Preta tem uma reviravolta na vida ao se consultar com uma psicóloga negra. Diferentemente da que buscara tratamento inicial, esta profissional a acolhe, permitindo que a fotógrafa cure feridas antigas provocadas pelo racismo. Nas palavras da protagonista: “Ela demonstrou absoluta **empatia** pelo meu sofrimento” (*piauí*, 2020, edição 168, p.24, grifos nossos.). Tal qual a psicóloga, o jornalista também indica ter tomado um caminho semelhante. Ainda que tenha cometido um deslize ao expor métodos de tentativas de suicídio, como observado nas análises, podemos afirmar que seu movimento empático iniciou pela forma como concebeu a pauta, no enquadramento do assunto abordado, ao propor um recorte praticamente ignorado pelos meios de comunicação tradicionais. Talvez resida aí uma das premissas para alcançar, ou pelo menos buscar, no jornalismo a empatia da qual trata Agosta (2014), sendo a pauta um primeiro olhar para a temática que se queira tratar. Os quatro componentes da empatia defendidos pelo autor – *receptividade empática, entendimento empático, interpretação empática e escuta empática* – manifestam-se em diferentes trechos e dimensões da reportagem, muitas vezes, complementando-se.

A escolha por focar na realidade envolvendo a população predominantemente negra e moradora das periferias a partir da personagem Preta vai ao encontro de demandas históricas expostas pelas desigualdades brasileiras. Também se ampara nos dados estatísticos apresentados pela própria reportagem, ao trazer que as mulheres, por exemplo, são as mais suscetíveis às psicopatologias. Na proposta de extrapolar os limites impostos pelo jornalismo tradicional, a reportagem segue a tendência observada no jornalismo de revista de valorizar o universo das chamadas “pessoas comuns”, em detrimento de fontes oficiais/institucionais. A narrativa engendrada na reportagem ilustra como o jornalismo de revista pode ser configurado em espaço fértil para o acolhimento e problematização de questões relevantes no debate

público contemporâneo, a exemplo da saúde mental. Conforme sinalizado por Furtado (2013), o aprofundamento do presente fortalece a credibilidade de uma revista. Neste sentido, consideramos que a produção analisada obtém êxito ao não se limitar a apontar a existência de uma problemática, visto que ainda discute e desmistifica percepções do senso comum acerca da saúde mental. Marcadores sociais da diferença como classe, raça e gênero presentes nos dizeres do repórter e das personagens contribuem para que a pauta receba um tratamento aprofundado, além de também serem aspectos importantes para o estabelecimento de vínculos afetivos com o público-leitor.

O processo empático construído ao longo da reportagem também pode ser percebido a partir do modo como os sujeitos expressam seus anseios, temores e vivências. Há um notável esforço do repórter em evidenciar o potencial de agenciamento das personagens por elas mesmas. Neste horizonte aberto à pluralidade de lugares sociais, a protagonista Preta não somente expõe seus momentos de dor e sofrimento, como também lança percepções críticas sobre questões como saúde mental e racismo. As longas passagens com depoimentos de outros moradores de favelas reforçam esse cuidado da reportagem em apresentar as personagens em posições múltiplas, isto é, a partir de espaços que evocam não somente lamúria e decepção, mas ainda força e resiliência.

Como nos lembra Agosta (2014), o sofrimento humano é vasto e profundo, o que nos exige a construção de processos empáticos para humanizar as relações sociais, sem que isso signifique uma regressão à mera piedade ou idealização de uma utopia sentimental. No jornalismo – especialmente em produções que almejam aprofundamento como reportagens de revista – a empatia pode ser acionada de maneira crítica e responsável em diferentes momentos da construção de uma narrativa. Nosso gesto interpretativo em torno da reportagem *Muita Coisa* buscou ilustrar parte destas possibilidades, reconhecendo a escolha da pauta, a relação com as fontes, o posicionamento das personagens no texto e a contextualização do tema abordado como dimensões imprescindíveis para uma abertura à comunicabilidade dos afetos do Outro.

Levando em consideração as análises aqui empreendidas, podemos dizer que os processos empáticos na relação repórter-personagem merecem ser refletidos numa perspectiva abrangente, para além da reportagem específica. Deste modo, apesar de a análise focar numa única produção, as inferências constatadas indicam possibilidades para pensar a empatia de

modo mais amplo nas práticas jornalísticas, reforçando a relevância dessa discussão no que toca aos desafios impostos às condutas de repórteres. Sendo a relação com o Outro um pressuposto do jornalismo, as questões derivadas deste encontro não podem ser ignoradas ou desprezadas, pois se tornam uma problemática central nas discussões acerca das rotinas e escolhas profissionais e suas consequências éticas. O exercício da empatia na visão de Agosta (2014), concebendo-a como um processo fundamental da intersubjetividade, é um convite a pensar de modo complexo a inter-relação entre sujeitos e aquilo que caracteriza, de fato, o trabalho jornalístico.

REFERÊNCIAS

- AGOSTA, Lou. **A Rumor of Empathy: Rewriting in the context of philosophy**. New York: Palgrave Macmillan. 2014.
- BENETTI, Marcia. Revista e jornalismo: conceitos e particularidades. In: TAVARES, Frederico de Mello B; SCHWAAB, Reges (org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013, pp; 44- 57.
- CASADEI, Eliza. Bachega. **Os Códigos Padrões de Narração e a Reportagem: por uma história do jornalismo de revista no século XX**. Tese de Doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo: ECA-USP, 2013.
- CHAGAS, Luã José Vaz. Empatia, inclinação e alteridades na ontologia da notícia. **Brazilian Journal of Technology, Communication, and Cognitive Science**. Volume nº 5, Número 1, 2017.
- FURTADO, Thaís. O aprofundamento como caminho da reportagem de revista. In: TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, p. 149-160, 2013.
- GUEDES, Nicoli Glória De Tassis. **Modos de ser revista: Jornalismo e cotidiano em O Cruzeiro, Realidade e Piauí**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de PósGraduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD->

[9UHGSE/1/tr s modos de ser revista nicoli gloria de tassis guedes.pdf](#)> Acesso em 21 abr, 2021.

IJUIIM, J.K. Por que humanizar o jornalismo (?) **Verso e Reverso**, 31(77):235-243, setembro-dezembro 2017. Disponível em:

<http://revistas.unisinus.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2017.31.78.07> . Acesso em: 28 abr, 2021.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2003.

LANCETTI, Antonio; AMARANTE, Paulo. Saúde Mental e Saúde Coletiva. In: CAMPOS, GWS et al (Org.) **Tratado de Saúde Coletiva**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. 871 p

LEANDRO, Paulo Roberto; MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: o jornalismo interpretativo**. São Paulo: Média, 1973.

LUDERMIR, Ana Bernarda. Desigualdades de classe e gênero e saúde mental nas cidades. **Physis** [online]. 2008, vol.18, n.3, pp.451-467. ISSN 1809-4481,

MATHEUS, Letícia Cantarela. DORNELAS, Raquel. Teoria da empatia e modelo praxiológico da comunicação: aproximações (improváveis) entre Flusser e Quéré. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 51, p. 166-184.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus. 2008.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MEDINA, Cremilda. **Ato Presencial: mistério e transformação**. São Paulo: Casa da Serra, 2016.

MEDINA, Cremilda. **Notícia: Um produto à venda**. São Paulo : Summus, 1988.

MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Marcia. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. **Anais do XXVIII Encontro Anual da Compós**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

PETERS, Chris. Emotion Aside or Emotional Side? Crafting an ‘Experience of Involvement’ in the News. **Journalism: Theory, Practice & Criticism** 12 (3): 297–316. 2011.

PINTO, Daniela Caniçali Martins. **Piauí e o campo jornalístico: um estudo dos discursos sobre a revista**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR), 2014.

SANTOS, Kwame Yonatan Poli dos. Até 10 – Coronavírus como analisador. In: SANTOS, Kwame Yonatan Poli dos; LANARI, Laura (Org). **Saúde mental, relações raciais e Covid-19**. São Paulo, Fundo Baobá; 2020.

SCHWAAB, Reges. Revista e instituição: a escrita do lugar discursivo. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges. (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 58-75.

SERELLE, Marcio. **A personagem no jornalismo narrativo: empatia e ética**. Mídia e Cotidiano. v.14, n. 2, p. 44-64, 2020.

SILVA, Fernando de Barros e. (Org.) **Tempos instáveis: o mundo, o Brasil e o jornalismo em 21 reportagens da piauí**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SOUZA, Candice Vidal e. **Repórteres e reportagens no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SMOLEN, Jenny Rose; ARAUJO, Edna Maria de. Raça/cor da pele e transtornos mentais ... **Ciência e saúde coletiva** [online]. 2017, vol.22, n.12, pp. 4021-4030.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **Ser revista e viver bem: um estudo de jornalismo a partir de Vida Simples**. 2011. 468 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS, 2011.

169 VOGEL, Daisi. Revista e contemporaneidade: imagens, montagens e suas anacronias. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Tavares (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

WAHL-JORGENSEN, Karin. The Strategic Ritual of Emotionality: A Case Study of Pulitzer PrizeWinning Articles. **Journalism: Theory, Practice & Criticism** 14 (1): 129–145. 2013



Original recebido em: 28 de abril de 2021
Aceito para publicação em: 12 de janeiro de 2022

Rafael Rangel Winch

Doutor em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/2021), com mestrado em Comunicação (UFSC/2017) e graduação em Jornalismo (UFSC/2014). Atualmente é professor substituto do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Possui experiência profissional em diferentes modalidades e plataformas jornalísticas, incluindo impresso, *online*, televisão e rádio. Membro do grupo de pesquisa TRANSVERSO - Estudos em Jornalismo, Interesse Público e Crítica (UFSC/CNPq).

Magali Moser

Doutora em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/2021), com mestrado em Jornalismo (UFSC/2016) e especialização em Estudos Literários (FURB/2010). É professora substituta do curso de Jornalismo da Universidade Regional de Blumenau (FURB), tendo atuado em diferentes disciplinas. Tem interesse pelo estudo sobre as teorias do jornalismo, a prática da reportagem e o jornalismo como forma de conhecimento. Participa do Grupo de Estudos Jornalismo e Conhecimento (PPGJOR/UFSC).



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

